

PEDRO VASCONCELOS

EM / FAMÍLIA

Mas nem tanto





PEDRO VASCONCELOS ©

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2023

CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA

AUTOR

PEDRO AUGUSTO SANTOS VASCONCELOS

ORIENTADOR

DR. RUY MATOS E FERREIRA

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

DAVI MENEZES DE OLIVEIRA

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 - 1767

V331e Vasconcelos, Pedro Augusto Santos
Em família [e-book] : mas nem tanto / Pedro Augusto Santos
Vasconcelos. – Maceió, AL, 2023.
[76] p. : il.

E-book (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Relações familiares. 2. Reuniões. 3. Jornalismo. 4. Crônicas. I.
Título.

CDU: 070:314.6



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

04

CRÔNICAS

PAPAI E MAMÃE

06

HOMEM DE FAMÍLIA

09

NA ÉPOCA EM QUE A GENTE VIAJAVA

12

FELIZ ANIVERSÁRIO

16

BALDE DE ÁGUA FRIA

19

DESAMPARO

23

ALGUMAS HISTÓRIAS

27

MEU DEUS, AS CRIANÇAS!

30

DEVOLUÇÃO

33

VAI CAIR

36

O DIA EM QUE A TERRA ACHATOU

39

EU LHE APRESENTO SUA FAMÍLIA

43



APRESENTAÇÃO

É sobre relações familiares, mas também não é

A ideia inicial deste livro não foi minha. Meu irmão me falou para criar uma antologia de crônicas. Até tinha uma crônica que havia escrito em 2020, chamada “Na época em que a gente viajava”, quando o então Ministro da Economia, Paulo Guedes, disse que o dólar alto era bom, porque, antes, até empregadas domésticas estavam indo à Disney. Foi daí que tirei o tom que eu queria para as crônicas. O conservador é a figura perfeita para tirar sarro. É a piada pronta. Mas o livro não é somente sobre fazer piada desse tipo de figura, embora boa parte seja dedicada a isso. Ele se trata de relações familiares, mais ou menos.

Foi quase inteiramente na pandemia de covid que as coisas foram se formando. Eleições, terra plana, os antivacina, etc., etc. Tudo isso estava nos quatro cantos da internet, mas também estava em um local bem comum a todos nós: nas reuniões em família. Nos finais de semana, quando a família se reúne para almoçar, as diversas histórias começam a aparecer. Todo mundo fala sobre o fulano que morreu e você nunca ouviu falar; traz fofocas das primas, dos primos, dos vizinhos; falam sobre os acidentes; notícias do prefeito, do governador, do presidente, de tudo.

E, agora, depois de passarmos por tanta coisa nesses últimos anos, as temáticas polêmicas só aumentaram. Não poderia ser diferente, a família é uma instituição social e não conseguiria sair ilesa de debates do tipo. Foi daí que veio a ideia de usar a família como um tema em comum para falar de outros assuntos.

Porém, não poderia dizer que todos os assuntos abordados foram transformados em piadas com conservadores e pessoas que desacreditam na ciência. Eu entrevistei pessoas do estado de Alagoas, coletei histórias reais e, no fim, as crônicas acabaram abordando outros temas, como violência doméstica, ausência parental e causos inusitados que seriam difíceis de acontecer atualmente, sempre tentando ao máximo manter um viés cômico.

A crônica é um gênero de histórias curtas e eu levei isso ao pé da letra. Minhas crônicas são pequenas, às vezes até demais. Dá para acabar uma, ou duas, rapidamente, sem que algo tire a atenção do leitor. Levando tudo isso em consideração, espero que a leitura seja prazerosa.





PAPAI E MAMÃE

Nem sempre para se viver no paraíso é preciso morrer. Para aquela família, o paraíso é morar naquela chácara. E quando digo família, quero dizer família com efe maiúsculo. Mora todo mundo lá: vovô Armando; tia Luciana; tia Maria; tia Amparo; tio Manoel; tio Ronaldo; primo Paulo; primo Iago; e por aí vai...

Lá, tudo acontece no sossego, tão perfeitamente quanto a mais perfeita das famílias consegue ser. Com brigas, sim. Mas que família com efe maiúsculo não briga? O que importa é que se amem. Cada dia mais um pouco. Às vezes, é preciso uma ajuda para estreitar os laços. É para isso que servem as crianças. Como não ajudariam? São literalmente anjinhos. Outras pessoas diriam o contrário. Uns diabinhos. Mas naquela chácara, não. As crianças são *anjinhos*. Principalmente Maluzinha, com quatro anos e os cachinhos na cabeça. Por um delírio, as tias já pensaram em alisar seus cabelos. Idiotice. Anjinho tem cacho. Quem tem cabelo alisado é o diabo.

Ficaram então os cachos.

E é de fato um anjo. Onde chega, Maluzinha ilumina. Quando próxima de estranhos, é tímida, mas em família, o acanhamento some. Já chega gritando “Priminho, priminho”, e o sorriso aparece. “Vamos brincar?”. E fala a quem aparecer na frente, quer seja a “titia, titia”, o “titio, titio”, ou qualquer outro parente.

Como acontece sempre após um almoço em família, todos se reúnem na área da casa do tio Ronaldo e tia Amparo para bater papo. A maioria se senta nas poltronas, Ronaldo se deita na rede.

Maluzinha vem correndo. De longe já grita: “Titio, titio!”

“Malu!”, grita tio Ronaldo de volta.

Ela chega e lhe dá um abraço. “Vamos brincar?”, diz.

“Brincar de quê?”

“Papai e mamãe.”

Súbito, tio Ronaldo arregala os olhos, mas logo disfarça. *Papai e mamãe?*, pensa, *Só pode ser presepada que aprendeu com o pai.*

O restante do pessoal não é tão bom em esconder a reação, mas fica mudo.

“Como é essa brincadeira?”, pergunta Ronaldo, dando trela.

“Ronaldo...”, interrompe sua esposa, Amparo, já com um olhar fulminante. Ela não diz mais do que isso, mas ele entende tudo. É como se o mandasse tomar cuidado.

Ele retribui um olhar que diz: “Deixa comigo.”

Ronaldo se levanta da rede, fica em frente à criança.

“Vamos, Maluzinha.”

Maluzinha não começa de imediato. Atriz nata, puxa o ar, admite uma pose autoritária, franze as sobrancelhas e aponta para o tio. Ao redor, todos estão ansiosos para saber que brincadeira é aquela.

Então a garotinha grita:

“Vá embora da minha vida! Me deixe em paz! Eu vou embora para casa da minha mãe. Saia daqui! Vou deixar as crianças com você e vou embora.”

A garota corre para dentro da casa do tio e fecha a porta com toda força que tem.

Ronaldo só consegue encarar a porta fechada. Os outros trocam olhares surpresos. Ninguém se move por muito, muito tempo.





HOMEM DE FAMÍLIA

O personagem principal desta crônica é comum. Quase todo mundo, ou – ousaria dizer – todo mundo conhece o tipo. Na família, na vizinhança, na internet. O homem de família está em todo lugar. Mas quem são, onde vivem, o que comem? A resposta, logo mais, na crônica de hoje.

Para ilustrar bem essa curiosa criatura, trouxemos a história de seu Arlindo.

Homem de certezas, defensor das tradições, da família – nunca diz qual família, mas nem precisa, a gente sabe –, Arlindo tem como objetivo uma e única coisa: arranjar uma família. É para isso que eles vivem, afinal, única e exclusivamente, como se já viessem programados.

Em sua busca diária por uma família, ele acha Dil. Fala que está apaixonado, que a ama e quando menos percebe está com duas crianças: Taís e Amanda. Porém, existe uma informação pouco divulgada sobre

os ditos homens de família. Curiosamente, eles têm um medo súbito de criar raízes próximo dos parentes e acabam se separando. Mas como sua programação básica não os permite fazer outra coisa, eles sempre acabam encontrando outros pares.

É claro que com nosso Arlindo não seria diferente. Ele se separa de Dil, ansioso para exercer sua função natural mais uma vez. Em pouco tempo encontra Silvia e em 26 de fevereiro de 1998 nasce Jéssica. Mas eis que em 13 de setembro do mesmo ano vem Eduardo. “As contas não batem”, alguém pode pensar. Batem muito bem, pois a mãe do garoto se chama Valéria.

Uma outra informação pouco divulgada é que a monogamia é um problema recorrente dos homens de família. Como espírita fervoroso, nosso Arlindo deveria ter sido um xeique em outra vida, cheio de esposas. Que azar reencarnar no Brasil, não? Onde ele teve de decidir com quem ficar. Voltou para Silvia? Não. Para Valéria, então? Também não. Nosso homem de família decide retornar para Dil. Uma coisa rápida. Passageira. Só para lembrar os velhos tempos. O que resultou em Eloísa.

Nesse momento, Arlindo percebeu algo que estava claro o tempo todo e só ele não havia notado. Ele viu que a humanidade não está precisando de um repovoamento urgente – quem diria... – e decide fechar a fábrica.

Mas a história não acaba por aí. Ainda há alguns poucos detalhes a adicionar.

Arlindo acaba retornando a Valéria. Dessa vez por muito, muito tempo. Hoje em dia, no entanto, ele está com outra. E, em meio a tantos nomes, seria injusto pedir que o leitor tentasse adivinhar com quem, mas sintá-se à vontade.

Pois bem. Quem chegou até este ponto, provavelmente lembra de

Valéria, certo? Principalmente porque acabei de mencioná-la. Mas não se apresse. Arlindo não está com ela. Acontece que ele se afeiçãoou por uma moça chamada Vânia, que por um acaso é nada mais nada menos que sua irmã. É com ela que nosso homem de família se encontra atualmente. Ou é o que dizem, mas eu não colocaria minha mão no fogo.

Por fim, espero que nosso Arlindo o tenha ajudado a compreender um pouco mais sobre essa criatura conhecida como o homem de família. Digo pouco, pois há muito mais informação disponível sobre eles. Como, por exemplo, a estranha paixão que muitos deles costumam ter por figuras conservadoras, ou até os vários tipos de homens de família espalhados pelo mundo, como o que bate na esposa, o que vai comprar cigarro e nunca mais volta, ou até o que odeia qualquer letra em LGBTQUIA, odeia até o “+”, mas não consegue passar uma noite sem dormir nos braços de uma travesti. Só isso é história para outra crônica. Quem sabe...





NA ÉPOCA EM QUE A GENTE VIAJAVA

Para aqueles com a aula de espanhol em dia, seria provável que os eventos seguintes jamais acontecessem. Mas para Maria dos Santos, cujo conhecimento da língua se resume a *pero que si, pero que no*, qualquer experiência gastronômica poderia se tornar um desgosto. Porém, como ela mesmo fala: “Melhor viajar e passar vergonha do que não viajar”.

Maria é professora, pedagoga, para ser mais exato, e defensora ferrenha de que pinhas devem ser comidas com colher. Tem gente que acha isso maluquice. Como uma fruta que não precisa ser cortada e desmancha na mão no formato perfeito para ser comida precisa de colher? Se perguntassem isso a ela, a resposta seria: “Porque eu quero. Vá cuidar da sua vida.”

Mas deixemos as pinhas e as colheres de lado e voltemos a Maria.

Ela estava em Madri, na Espanha – na época em que professores

tinham dinheiro para viajar ao exterior, até para a Disney –, acompanhada do marido, Sandro Silva – na época que técnicos agrícolas conseguiam viajar para o exterior – e dos dois filhos – na época que filhos de professores e técnicos... deu para entender. Assim como Maria, ninguém falava espanhol, quando muito, os filhos danavam a repetir “*La tarjeta, la tarjeta*” após comprar algo. A cunho de informação, *tarjeta* significa cartão. Claro que tive de pesquisar, pois também não entendo nada de espanhol.

Todos entraram em um restaurante para almoçar. A garçonete veio e eles se viraram com o bom e velho portunhol e sua maior companheira, a mímica. Conseguiram uma mesa, pegaram o menu. Maria viu logo o nome “lagostim”. Pediu. Se era um lagostim de fato, como também o é no Brasil, não sabia, mas se contentaria até se lhe aparecessem com um camarão. Contanto que fosse fruto do mar, estava valendo. Os outros três ficaram com uma paella.

Após um tempo, a garçonete voltou com os pratos. Passou a paella para os três e uma tigela para Maria. Enquanto todos comiam, ela revirava a tigela em busca de qualquer coisa que tivesse cara de lagostim.

“Sandro. Prova isso aqui”, disse ela, já forçando a colher dentro da boca do marido.

“É sopa?”, ele perguntou.

“Parece água com arroz.”

“Mas tem um gostinho de lagostim.”

“Devem ter lavado o bicho e me dado só a água.”

O filho mais velho interveio: “Quer que a gente fale com ela?”

“Vai falar o que, menino? Vocês nem sabem falar espanhol.”

“A gente inventa.”

“Não.”

Mesmo reclamando, ela terminou a refeição. Achava que tinha dado má-sorte, afinal, nem o marido nem os filhos pareciam insatisfeitos com a comida. Pensou em dar mais uma chance. Quem sabe uma sobremesa não melhorasse a experiência?

Chamaram a garçonete e deram um jeito de perguntar quais sobremesas eles tinham. Havia *helado*, mas também havia frutas: *mango*, *fresa*, *piña*...

“Pinha, pinha!”, disparou Maria.

Mais uma vez a mulher saiu com os pedidos.

Feliz, agora por ter pedido algo que conhecia e gostava, Maria achava que não precisava se preocupar com o tipo de comida que iriam trazer. *Piña* é Pinha, pensou, não tem como errar. Porém, havia uma coisa que ela não se lembrara.

“Será que eles trazem uma colher com a pinha?”, perguntou.

“Quem come pinha com colher, mãe?”, questionou o filho mais novo.

“A gente dá um jeito quando ela vier”, disse o mais velho.

Aquela conversa se deu por acabada, mas Maria continuou ansiosa. Não queria ter de passar vergonha fazendo mímica no meio de um restaurante, mesmo que não estivesse cheio. Imaginou que bom mesmo seria se comer pinha com colher fosse parte da cultura espanhola. Mas então veio a garçonete com a sobremesa e nem sinal de colher. Colocou

os pratos à frente dos filhos, depois do marido, e por fim de Maria.

Uma gargalhada ecoou pelo restaurante. daquelas que preenchem qualquer salão. Todos ficaram confusos a princípio, mas bastou olhar para o prato de Maria para entender. Duas rodelas de *piña*, ou melhor, abacaxi. Ninguém precisou pedir uma colher, no entanto.





FELIZ ANIVERSÁRIO

Os filhos únicos, ou até os que têm dois, três irmãos, não conseguiriam imaginar o que era viver em sete. Você e outros seis, sem contar pai e mãe. Coisa rara de se ver hoje em dia, mas não para Otoniel, nos anos 1970. Dormiam quatro em cada quarto de uma casa razoavelmente grande em Palmeira dos Índios. Seu pai trabalhava em outra cidade e só voltava nos finais de semana. Sua mãe vivia tão ocupada cuidando da casa, das crianças e de suas responsabilidades na igreja que precisava da ajuda da filha mais velha com os afazeres domésticos. Tanta gente somada a uma rotina apertada zeravam as condições de todos terem uma festa de aniversário. Então nenhum tinha. Não era nem costume cantar parabéns. Por sorte, ainda não tinham inventado o mesversário.

Porém, naquela quarta-feira, 03 de outubro de 1973, o pequeno Otoniel meteu na cabeça que queria comemorar seu dia. Todo mundo o fazia, por que não ele? Não precisava de festa, enfeite, nada extravagante.

Um bolinho servia. Se um bolinho não fosse possível, cantar parabéns era o suficiente. Mas ele não contou para ninguém. Não era pedir demais que sua família lembrasse de seu aniversário e cantassem para ele. Então seguiu o dia como se fosse qualquer outro.

Durante o café da manhã ninguém disse nada. Saiu para a escola. Quem sabe na volta. Mas não teve sorte. Já em casa, no almoço, Otoniel não ouviu nenhuma cantoria. Restava ver se estavam esperando para fazer uma surpresa. Então continuou a vida normalmente.

Foi brincar na rua. Como o mais novo dos irmãos, era o mais brincalhão, a cabeça sempre fervilhando para elaborar a próxima traquinagem. Na rua, gostava de brincar de polícia e ladrão. Sempre que podia ficava do lado da polícia, porque gostava de aproveitar as brechas para dar uma pisa nos outros. O que, para a época, devia ser o teste físico da polícia e do exército. “Bateu no colega?”, diria o oficial, “Já está pronto para entrar!”. Não que hoje pareça muito diferente.

Quando voltou para casa, a janta já estava sendo preparada. Sua mãe mandou que se arrumasse. Nesse meio tempo, chegou seu pai, que na maioria das vezes só estava em casa nos finais de semana. Agora tinha certeza de que algo de especial estava para acontecer.

A janta veio e acabou como um dia qualquer. Nenhum “parabéns” foi pronunciado naquele momento.

Era o fim das esperanças, afinal, o que tinha para fazer depois? Esperar sua mãe chegar gritando “Passem pra cama!” quando fosse a hora de dormir? O que lhe restava era o que mais gostava de fazer: bagunça. Mas com o pai em casa, seria ainda mais difícil e mais arriscado. Só que ainda não estava preparado para desistir de seu aniversário.

Em sua cabeça, seus pensamentos fervilhavam e aos poucos sua

barriga também. Foi aí que teve uma ideia. Se ninguém iria cantar por ele, ele mesmo o faria. Só precisava de um bolo. Pegou uma vela e correu para o banheiro que ficava do lado de fora de casa.

Nada é capaz de impedir uma criança insistente com uma ideia na cabeça. E essa criança era Otoniel.

Após um tempo no banheiro, ele retornou todo orgulhoso. Todos estavam na sala.

Entrou cantarolando: “Parabéns pra você...”

A família inteira olhou para o garoto, as mãos em concha segurando a vela acesa no topo do cocô seco.

Depois do silêncio atônito, vieram as palmas e a cantoria.

“Nessa data querida. Muitas felicidades, muitos anos de vida!”





BALDE DE ÁGUA FRIA

Final de semana. Família reunida. Todos sentados. Comida à mesa. E só o que se fala é eleição. Dá-se então brecha para falar de algo que acontece não apenas nesta, mas em muita eleição à presidência aqui no nosso país. E olha que acontece já faz um tempo.

Eis a questão: se nada vai do jeito que o Sul e Sudeste quer, começam a apedrejar o Nordeste. Chamam-nos de sem cultura, de burros, massa de manobra. Isso, para não falar coisas mais desagradáveis.

Como nordestino, sei que não é de bom grado tocar nesse tema. Quem quer ficar revirando imbecilidade alheia, concorda? Mas eu menciono o assunto, não para acabar com o clima do leitor, mas porque ele me lembra de uma história mais antiga. Ou melhor, me lembra de d. Elizete, brasileira, nordestina, falando da própria mãe com ar de quem sente orgulho.

Ela me contou que em meados dos anos 1950, Elza Cavalcante,

nascida em Porto Calvo, Alagoas, foi com a família para São Paulo. Saiu do estado em um pau de arara com a primeira filha. Deixou a casinha, ainda que humilde, arrumada e feita de tijolos para morar em um barraco. Ao avistar o local onde viveria, chorou.

Seu marido, José Cavalcante, passava o dia inteiro trabalhando. Trocava de emprego de tempos em tempos, pois no primeiro “Paraíba” que ouvia, mandava logo tomar em tudo quanto é lugar. Enquanto isso, Elza cuidava dos afazeres domésticos e dos filhos, que cresceram em número, e já eram três.

A vida dos dois melhorou um pouco quando José foi trabalhar em uma fábrica em Osasco. No novo local, a água era dividida pelos vizinhos: um poço para cada três casas.

Elza saía para buscar água e lavar as roupas embaixo de chuva, ou sol. Mas o tempo não era o pior. E quem dera fosse. A pior parte tinha nome e endereço: era sua vizinha, d. Lucinda.

Sempre que Elza saía de casa, já vinha a velha, gritando: “Negra safada! Volte pro Nordeste, sua imunda.”

Ela apenas desconsiderava os gritos e seguia sua vida, apesar de tudo, tinha muito trabalho pela frente e achava que brigar com uma senhora não seria de bom gosto. Quando muito, pedia para que a velha parasse.

Mas, dia após dia, a velha continuava. “Saia daqui, sua nordestina!”

Então Elza chamou a filha de d. Lucinda para sua casa. Ao menos as duas se davam bem.

“Eu não estou mais aguentando a sua mãe”, disse ela. “Toda vez que d. Lucinda me vê sair de casa, ela vem junto. Eu ainda a espero lavar as roupas dela e tudo mais. Só que quando eu vou lavar as roupas das

crianças, ela começa a me esculhambar.”

“Olha, d. Elza, não ligue para isso”, respondeu a filha.

“É impossível não ligar. Eu já pedi para ela parar. Você está vendo alguma imundice na minha casa?”

“Não.”

“E por que ela fica me chamando de negra nojenta, fica me mandando voltar para o Nordeste? Da próxima vez vou ter que ser mais dura com sua mãe.”

“Só não bata nela”, a filha disse. “Mas pode esculhambá-la, que eu não vou fazer nada.”

Após a conversa, Elza ainda aguentou mais três dias de xingamento, talvez em respeito à filha da velha. Mas, infelizmente, paciência infinita ainda não havia sido inventada pelo ser humano.

O dia estava frio, daqueles de bater o queixo, de doer ao toque. E lá estava Elza, lavando as roupas das crianças quando veio d. Lucinda, dessa vez com uma vassoura na mão. Queria ameaçá-la. Elza foi mais rápida, puxou o balde d’água e jogou até a última gota na velha.

Enquanto d. Lucinda estremecia, Elza apontou-lhe o dedo.

“A partir de hoje, eu quero que a senhora cale a boca”, disse. “Não fale, nem venha me agredir, ou dou uns tapas na senhora e a levo à delegacia.”

D. Lucinda nunca mais falou nada. Pelo menos não para Elza.

Nestes tempos, lembro da história porque fico surpreso ao refletir que ela aconteceu há aproximadamente 70 anos. E, até onde sei, hoje, d.

Lucinda é o que não falta por aí. Você provavelmente conhece uma; já foi uma; é uma... O curioso é que elas se sentem mais livres para sair por aí após uma eleição, desbocadas, segurando uma vassoura.

Não seria preciso lembrá-los que o segundo turno das eleições está bem aí. E, infelizmente, como paciência infinita ainda não foi inventada, é sempre bom ter um balde cheio d'água consigo. De preferência com gelo até o topo.





DESAMPARO

Não há maior sensação de desamparo do que quando algum atendente de telemarketing lhe diz que não pode fazer nada. Desse jeito: “Não posso fazer nada, senhor”. Pense bem: eles são sua ajuda para resolver um problema. E quando sua ajuda não sabe o que fazer por você, o que lhe resta? Deixar nas mãos de Deus? Não me entenda mal, mas eu não sou dado a relações unilaterais. Além do mais, não creio que Deus seja a pessoa certa para cuidar da minha fatura da internet.

Foi exatamente esse o meu problema. Peguei o celular, liguei para o atendimento da minha internet. Tinha que arrumar um comprovante de residência com urgência. Precisava mudar o endereço do boleto, pois o bairro estava errado. Esperei um bocado e me irritei com um robô antes de acabar falando com a atendente. Todo mundo sabe como são essas coisas. Expliquei o que eu precisava e eis que veio a famigerada frase: “*Não posso fazer nada*”. Acontece que o sistema de lá preenchia

o endereço automaticamente apenas pelo CEP, e eles não podiam mudar manualmente. Ou seja, continuo com meu comprovante errado. Mas aí vem a sensação de que falei antes. Não há nada a fazer se nem a pessoa que está lá para ajudar consegue. É angustiante.

Mas essas histórias não eram sobre família? O que tem a ver o boleto da internet? Calma. Garanto que o assunto aqui, infelizmente, é mais que familiar – sem trocadilhos – do que muitos gostariam.

Acontece que enquanto estava na casa da minha mãe contei a ela o que havia acontecido. Apenas descrevendo minha angústia. A partir daí, não me lembro exatamente como, um outro assunto veio à tona. Minha mãe me contou sobre uma de suas amigas e seu marido. Principalmente sobre ele. Como era uma pessoa boa e gentil perto dos outros, mas em casa ficava agressivo e xingava a esposa frequentemente. Acredito que não precisaremos dar os nomes dos dois aqui por motivos que ficarão claros mais à frente.

Nas palavras da minha mãe, o homem tinha dupla personalidade. Particularmente, acho difícil. Os diagnósticos da minha mãe não costumam ser dos mais acurados, visto que ela não tem ciência nenhuma em psicologia. Eu, por exemplo, tenho ansiedade e um tique no pescoço que se intensifica dependendo do meu estado emocional. O que ela diz que eu sou? Doido.

Certo ou errado, o diagnóstico da minha mãe pouco importa. Há de se concordar, simplesmente, que o comportamento do tal marido é comum antes de certos casos de violência doméstica. E quando esse comportamento ocorre com certa frequência, chega um momento em que ninguém mais aguenta ser maltratado.

Então a amiga da minha mãe diz que “não está doida de dormir com

um maluco” e se tranca no quarto. Ele, como uma pessoa sensata, senta-se, prepara um chá e se acalma. Especialistas definiriam essa minha última frase como “mentira”. Bem... eles estão mais do que certos. Não foi isso o que aconteceu. Na verdade, o marido esbofeteou as paredes e socou a porta. Queria entrar no quarto a qualquer custo.

A mulher, apavorada, ligou para a polícia. Já o marido, desta vez, após ouvir que a esposa falava com alguém pelo telefone, foi sentar e tentar se acalmar. A ligação continuou. De um lado, um policial treinado para lidar com pessoas em estado de tensão – li essa frase no Google e me veio uma vontade súbita de rir –, do outro, uma pessoa claramente em estado de tensão, tentando explicar que o marido quer agredi-la.

Eis que o policial treinado para lidar com pessoas em estado de tensão pergunta:

“Ele lhe bateu?”

“Não.”

E a resposta vem: “Não podemos fazer nada. A não ser que ele a tivesse agredido.”

Minha mãe parou de falar. Eu apenas consegui pensar se a atendente de telemarketing da minha internet havia sido treinada para lidar com pessoas em estado de tensão no mesmo local que esse policial.

Mas a história não acaba por aí. Essa tem um final feliz. Bem, tão feliz quanto esse tipo de situação permite.

Após quatro dias, a família da mulher conversou com ela e a convenceu de deixar o marido. Ela foi morar com a mãe e os irmãos por um tempo. O marido ainda tentou circundar a casa por um tempo, mas foi ameaçado. Acontece que a família dela era bem conhecida por, digamos,

dar um sumiço em algumas pessoas vez ou outra. Então ele desistiu.

Após terminar a história, minha mãe simplesmente se levanta e fala “O que aprendemos é que se tivesse matador na nossa família, você estaria com um comprovante de residência”. Mas especialistas definiriam essa última frase como “mentira”.





ALGUMAS HISTÓRIAS

Com apenas dois dias para o Dia das Crianças, estávamos em uma dessas padarias que servem café da manhã. Comíamos e conversávamos. Eu, com meu prato que daria pavor a qualquer nutricionista, não prestava atenção em mais nada. Tenho dificuldade em me ater a duas coisas ao mesmo tempo. Minha esposa, diferente de mim não apenas pelo prato, que daria orgulho a qualquer nutricionista, mas pelo interesse nos arredores do local, me aponta discretamente um garoto sentado à mesa ao lado completamente sozinho. Já estava lá quando nós chegamos, eu só não tinha reparado. Pela aparência, tinha seus 8 anos, vestia a farda de um colégio de Maceió e não parava de olhar para seu tablet, nem mesmo para comer.

Achei que a cena tinha uma certa estranheza. A princípio, porque na idade daquela criança eu era conhecido por ser um poço sem fundo, então a ideia de escolher um aparelho eletrônico em vez de comida não me parecia atraente. Porém, o mais esquisito de tudo era que o garoto estava sozinho.

Esperava que algum parente aparecesse, mas o tempo passou e ninguém veio. Ele nem parecia ligar.

Me preocupei – preocupação essa que não se sustentaria por muito tempo –, no entanto, muito mais do que isso, fiquei intrigado. O que estaria fazendo uma criança sozinha naquele lugar às vésperas do Dia das Crianças? Sua completa falta preocupação com os arredores e a falta dos pais o fazia parecer mais um adulto com nanismo. No lugar dele, eu estaria chorando pela minha mãe. Mas eu não tinha um tablet naquela época – ninguém tinha. Aliás, continuo sem um. Então vai saber o efeito calmante que essas coisas têm sobre as pessoas, não é mesmo?

Mas tudo faz sentido quando um homem na mesa à minha direita chama pelo garoto: “Fulano.” E escrevo assim não somente porque não lembro do nome, mas também por conta da frieza naquela interação. Eram como desconhecidos. “Tua mãe mandou a farda vermelha?”

“Não”, respondeu o menino, seco, e enterrou a cara no tablet novamente.

Chateado, o homem, pega o celular e começa a discar. Percebo o notebook em sua mesa, outro celular, papéis e mais papéis, um livro de finanças... tão cheia que não havia espaço ali para mais nada, como comida, ou um filho que sequer fazia barulho...

“Fulana?”, diz o homem ao celular. “Você colocou uma farda vermelha na bolsa do fulaninho? Falaram no grupo da escola que hoje é o dia da gincana e a turma dele vai com a roupa vermelha... é, mas agora alguém tem que buscar, né? ... Mmm...”

Assim que desligou, já foi discando o número de outra pessoa. Dessa vez parecia ser do trabalho. E agora, se entrasse mais alguém naquele local e olhasse para o garoto, jamais imaginaria que o homem sentado

duas mesas ao seu lado era um conhecido.

Vi tudo de perto pensando em quantos programas de TV já havia assistido que tinham cenas daquele tipo. Parecidas, só não exatamente daquela forma. Só aquilo não era TV, não era cinema, era real. E eu só pensava em escrever algo sobre aquela cena. Pensava se os pais do garoto eram divorciados e aquela era a vez do pai de ficar com a criança. Ou talvez eles apenas tivessem dormido fora de casa, por isso a confusão com a farda. Na casa da avó, talvez. Quem sabe os pais não fossem separados, apenas muito ocupados e o tablet fosse o mais próximo de uma interação que aquele garoto tinha. Mas, quem sabe – apesar de minha esposa ao lado para me dizer que teve a mesma impressão – aquilo tudo não era só coisa da minha cabeça?

No fim das contas, as histórias que eu pensava eram muitas. Ainda assim, coisa da minha cabeça ou não, todas elas terminavam de uma única forma: pai e filho em uma padaria, sentados a duas mesas de distância, sem qualquer interação, como completos desconhecidos.





MEU DEUS, AS CRIANÇAS!

Todo ano, sem falta, alguma atrocidade relacionada a crianças acontece. E, sem falta, alguém tenta relacionar os ataques de violência com jogos eletrônicos. O porta-voz da vez foi nosso ilustríssimo presidente Lula.

“Não tem game falando de amor. Não tem game falando de educação. É game ensinando a molecada a matar.” Palavras dele, não minhas.

Não quero entrar no mérito se os jogos realmente deixam as pessoas violentas. Isso já está sendo discutido em todo lugar, principalmente por esses dias, e, provavelmente, virá à tona no ano que vem. O que quero realçar é um estranhamento que tenho sempre que escuto esse tipo de comentário, que não acontece somente com videogames. Filmes, novelas, músicas... tem para todo tipo de mídia.

Aí vai o estranhamento: Já reparou que é sempre o produto midiático que corrompe a mente influenciável dos pequeninos, às vezes nem tão

pequenos assim? Quem nunca viu o abaixo-assinado à novela que tem um casal gay, ou ouviu falar sobre as roupas depravadas que essas cantoras estão usando? “E se minha filha vir isso e quiser se vestir assim?” Nunca vem à mente de que essa pessoa está falando de uma criança? Veja bem, criança não tem emprego, nem dinheiro e, se ela estiver trabalhando ao ponto de poder comprar a própria roupa, acredito que haja outras coisas mais urgentes a se preocupar do que moda infantil.

Tem sempre alguém – na maioria das vezes cristão – para falar: “Ai, meu Deus, mas e se as crianças virem uma cena de dois homens se beijando, como eu vou explicar isso?” Sério? Vai dizer que perdeu a criatividade depois de ensinar que uma cobra falante convenceu uma mulher a comer uma maçã?

Fica quase inevitável não rir ao escutar comentários do tipo. É como se os pais assistissem a *Game of Thrones* com o filho de 12 anos e, ao se deparar com todo o assassinato, banho de sangue, as cenas de sexo, eles pensam: “Essas séries estão desvirtuando nossas crianças.” Claramente, a culpada nisso tudo é a HBO. Claramente.

Mas seria irresponsável colocar toda a culpa nos pais. Eles não estão lá 100% do tempo. E eu sei como é ser criança.

Tenho uma lembrança de minha mãe, chegando em casa após um longo dia de trabalho. Ela entra na sala e se depara com o filho de 12 anos explodindo com uma espingarda a cabeça de zumbis e monstros infectados num jogo chamado *Resident Evil 4*. Por mais legal que isso pareça, ela vem até mim e me dá uma daquelas broncas de meia hora sobre como eu vou acabar indo para o inferno por jogar jogos desse tipo.

Hoje, eu entendo que estava errado. Até na época eu já sabia. Ficava difícil não saber disso com um grande “18” desenhado bem na capa do jogo. A única coisa que eu ainda não entendo é a abordagem.

Como eu só viria saber anos depois, minha mãe tinha medo de qualquer coisa relacionada ao terror e, para o azar dela, seu filho amava. Ela só estava com medo de sua única criança ser condenada à danação eterna. Mas é assim que os familiares agem quando algo que eles não entendem acontece, não é? Colocam o medo e insegurança deles no que acham ser a razão de tudo. “As crianças estão violentas”. “Devem ser esses videogames, porque na minha época eles não existiam e as crianças não eram assim.” Sei...

Terceirizar a culpa para algo desconhecido pode fazê-lo se sentir melhor, mas também impede de refletir sobre o problema real, que pode ser muito mais complexo do que apenas uns filmes, séries, jogos de videogame.

Por fim, voltando a falar sobre mim. Quando minha mãe me impediu de explodir a cabeça de zumbis – também impedindo de salvar o mundo e a filha do presidente dos EUA –, eu, como um grande cínico mirim, comecei a jogar um jogo chamado *God of War*. Um videogame para maiores de 18 sobre um espartano que, em sua busca por vingança, mata os deuses do olimpo da maneira mais brutal possível.

Agora, uma dúvida: será que esse jogo é o motivo de eu ter me tornado ateu?





DEVOLUÇÃO

Rita era daquelas pessoas de coração mole, manteiga derretida. Daquelas que faziam os outros pensarem se algumas pessoas nasceram com glândulas lacrimais superdesenvolvidas. Chorava quando não precisava e quando precisava, chorava por atraso, por antecipação – o que sempre causava estranhamento nos outros – e chorava, é claro, quando todo mundo faria o mesmo.

Foi assim quando descobriu que a filha, Ana Letícia, estava grávida e foi assim quando a netinha, Ana Sofia, nasceu, com 3,65 kg, às 11h21 do dia 06 de abril de 2021. O que mudavam eram os sentimentos. No primeiro, sentia que o mundo iria acabar, não somente porque havia uma pandemia rolando, mas porque sua filha tão jovem seria mãe. No segundo, porque a visão daquela criança perfeita lhe dava o sentimento de que o mundo estava cheio de amor e esperança.

Bem, não estava.

À época, a covid-19 seguia firme e forte, para a tristeza de todos. Alagoas estava na Fase Vermelha do Plano de Distanciamento Controlado, todo mundo de máscara – ou quase todo mundo –, o boletim do dia anterior havia contabilizado 283 novos casos e 22 mortes, ao todo 3.665 óbitos somados desde o início da pandemia.

Quando retornou do hospital, Letícia cuidava de Sofia com a ajuda de Rita, que visitava a casa com frequência. O marido de Letícia se juntava ao sogro, Carlos, para deixar a casa nova perfeita. Uma parede a menos ali, cerâmicas, rejunte, portas... para que tudo ficasse perfeito o mais rápido possível. João, o tio, ainda aproveitava as idas e vindas dos pais para ver a sobrinha.

As visitas eram frequentes enquanto a casa ficava pronta, mas um tanto atípicas. Em tempos normais, a criança passaria de mão em mão, como um baseado gigante. Ali, porém, Letícia não podia se dar ao luxo de deixar que pegassem a garota.

Com a casa pronta, as visitas diminuíram, mas seguiam de tempos em tempos. Até que dois meses depois, Letícia recebeu uma ligação.

“Ana Letícia, peguei Covid”, disse a mãe. Tinha 41 anos. Em junho de 2021 ainda não era o suficiente para tomar a vacina.

“Meu Deus, mainha! A senhora está bem?”

“Uma dor aqui, outra ali. Sofia teve alguma coisa? E você?”

Vigilância total. Ninguém saía de casa para nada. Qualquer tosse podia ser mortal. As ligações eram diárias.

“Teu irmão me prendeu.”

“Oxe, como assim?”

“Ele me deixou no quarto que tem banheiro e passou a chave”, disse, com a voz molhada. “Ele me passa a comida pela porta e tranca. Só vejo o sol pela janela.”

Na falta de palavras, Letícia Ria.

Com o passar dos dias, Rita melhorava. Nenhuma complicação. Os outros não haviam apresentado nenhum sintoma. Pelo menos até a segunda semana.

João foi o primeiro a tossir, depois seu pai. Quem ligou dessa vez foi Letícia.

“Mainha, estou doente.”

O coração mole de Rita disparou.

“E a Sofia?”

“É claro, né, mãe? A menina vai comigo pra cima e pra baixo, gorda, só vive mamando.”

Mas estava tudo bem. Não acontecera nada de grave.

Ainda assim, Rita explodiu em lágrimas. Mas isso não foi surpresa para a filha. O que foi surpresa, no entanto, foi o que sua mãe disse em seguida.

“Deus acabou de entregar a menina e já vamos ter que devolver.”

Na falta de palavras, Letícia riu sem parar, e a risada acabou contagiando Rita. Parou de chorar. Riu também, mesmo sem a certeza de que num futuro recente sua família ficaria bem e ninguém teria de devolver Sofia.





VAI CAIR

É quando a coisa aperta que você sabe a quem recorrer. Há quem recorra à família, há quem prefira os amigos.

Eurice estava mais para o segundo tipo de pessoa. Bateu na porta de Marta cedinho. Precisava de companhia para visitar o primo, que fora levado às pressas ao hospital. Ao chegarem ao hospital, a vó chorava. O garoto estava morto, verminoses saindo por todos os orifícios.

A mãe não foi ao hospital, estava bêbada em casa. Era conhecida por esperar o marido sair para chamar os amigos para dentro de casa para beber. A avó não tinha condições emocionais de fazer mais nada. Restou às adolescentes arranjar um caixão para o pobre coitado. Foram parar na porta da prefeitura de Rio Largo. Sábado, estava fechada. Mas Eunice tinha uma assistente social conhecida que trabalhava lá. Falaram com ela. Foram à funerária e, após alguns papeis preenchidos, conseguiram o caixão. Um caixão frágil, mas ainda assim um caixão.

No enterro não houve carro funerário. A mãe do pequeno não tinha dinheiro para isso. O que ela tinha e muito, eram amigos. Todos com uma característica bem comum: bêbados. Eles conheciam o garoto das festas que a mãe dava em casa e queriam ajudar.

O problema era que ninguém tinha condições de negar auxílio naquele momento e os bêbados não tinham equilíbrio.

Assim foi o percurso até o cemitério: o caixão pendia para um lado, os bêbados iam junto, o caixão pendia para o outro... até que alguém caía.

Eurice, que acompanhava junto à multidão, trocou o “Segura na mão de Deus” por “O caixão vai cair!”, e na falta de um bêbado para segurar o esquife, quem tapou o buraco foi a amiga Marta. Como era menor que os outros, deixou o caixão pendendo para seu lado. O puxa-para-cá, puxa para-lá não parou. O bêbado retornou à posição. Caiu. Foi substituído. Voltou. Caiu de novo. Foi substituído. Até que o garoto conseguiu descansar em paz.

Eurice e Marta também tiveram um pouco de paz após o enterro.

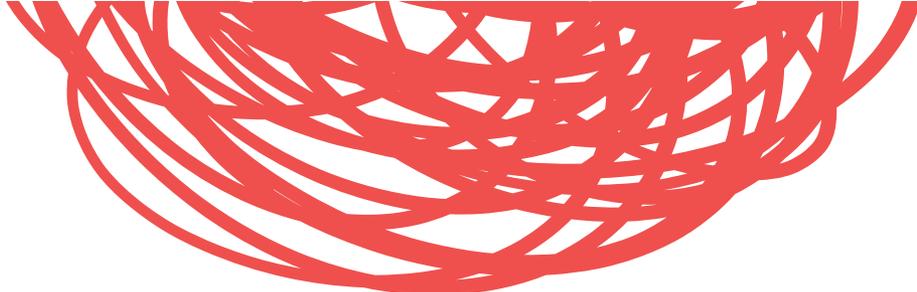
Anos depois, quem bateu as botas foi a mãe do garoto. Cirrose. E lá foi Eurice bater à porta da prefeitura mais uma vez ao lado de Marta. Afinal, era das que recorriam aos amigos. E há amigos que são como família. E os que são melhores que família. Alguns têm sorte de poder contar com a família de sangue, outros têm a sorte de poder contar com a família que encontra mundo afora. Poucos têm a sorte de poder contar com os dois.

O velório aconteceu na casa da mulher. Era um local pequeno. Só entravam lá de dois em dois. Até que os bêbados chegaram. Choravam, berravam, subiam no caixão para abraçar o corpo.

Dessa vez não deu nem tempo de avisar que o caixão ia cair. O objeto

deslizou com defunta e tudo até o chão. Não quebrou. Os bêbados mesmo trataram de colocar a amiga no lugar. Mas esse não era o pior, apesar da bagunça, gritos, choros. Ainda faltava levar o caixão até o cemitério.





O DIA EM QUE A TERRA ACHATOU

Não é de hoje que a moda entre jovens, adultos e velhos é a confiança. O que se diz por aí é que com confiança e proatividade se consegue tudo o que desejar. É tudo uma questão de *mindset*. Isso se aplica a tudo, até quando se trata de mentiras, pois quem foi mesmo que disse a frase “uma mentira dita mil vezes, torna-se verdade”? Um alemão. Segundo os poderes concedidos pela confiança, Einstein, com certeza.

É nas reuniões em família que o espírito da confiança vem à tona, trazido por parentes dos mais variados e de fácil identificação. Geralmente alguém que falava para as crianças tomarem cuidado com o que viam na internet, mas que hoje recebe uma mensagem pelo Whatsapp e a espalha aos quatro cantos sem antes checar. Isso sim é confiança.

Josué era desses. Foi à casa da mãe e encontrou a irmã e o sobrinho barbudo recém-formado na federal – só podia – e que acabara de entrar no mestrado em meteorologia na USP.

Ele, por outro lado, era policial militar e conhecedor da verdade sobre o moto perpétuo. Se cientistas diziam que aquilo era impossível, Josué tinha confiança absoluta nos youtubers falando que tudo era uma conspiração do governo para não gerar uma crise econômica e privar a população de uma fonte de energia infinita.

Cumprimentou o sobrinho, perguntou como ia a vida, os relacionamentos, o que estava fazendo no momento, et., etc., e veio com a questão que formigava desde que vira o sobrinho:

“E essa história de terra plana, hein?” Tinha um meio sorriso.

O sobrinho, espantado pela mudança de assunto, respondeu como se achasse que os dois estavam do mesmo lado da discussão.

“Pois é, né? Esses caras acreditam em cada coisa. Sei nem o que falar.”

O que o rapaz também não sabia era que existe um fenômeno muito comum entre cientistas nesse tipo de situação chamado “Não tenho saco para falar de algo que já conseguiam explicar antes de Cristo”. Esse fenômeno, porém, cai por terra quando se trata de uma discussão em família, dando lugar ao famoso “Como não posso te xingar, vamos tentar ser civilizados por meia hora”. Pessoas cheias do espírito da confiança, por outro lado, estão bem cientes disso. E se aproveitam.

“Mas eu acho que faz sentido, até”, disse Josué.

Incomodado, o sobrinho sentiu-se no dever de explorar o tema e divulgar um pouco de seu conhecimento sobre o assunto. Citou o exemplo do barco sumindo no horizonte, o que acontece por conta da curvatura da Terra.

Josué replicou, dizendo que na verdade o barco desaparece por conta de algo chamado refração. Coincidentemente, o garoto havia estudado

aquele assunto.

“Mas refração não é quando a luz muda de um meio para o outro?” disparou o sobrinho. “Em teoria, a densidade da atmosfera não vai variar muito, principalmente a nível do mar. Ele vai estar sob as mesmas influências espaciais do próprio oceano. Então, acho que isso não explica o fenômeno observado, que é o barco sumindo gradativamente no horizonte.”

Josué desculpou-se antes de replicar: “Eu quis dizer *difração*”

“Mas aí já é outro fenômeno. É preciso um anteparo para observar isso. Vai mexer com comprimento de onda... enfim, não tem nada a ver.”

Sentindo-se traído pelo espírito da confiança, Josué decidiu usar a velha técnica dos políticos quando são questionados em debate sobre algo que não sabem: ele muda de assunto. Estavam falando de barcos. Ele trocou para viagens de avião. Disse que era impossível viajar do Chile à Austrália sem fazer nenhuma parada. Primeiro, segundo ele, como os dois países ficavam em extremos opostos na terra plana, a distância seria tão grande que o combustível não seria suficiente para o percurso e o piloto teria que parar o avião para reabastecer. E era por isso que ninguém fazia viagens diretas de um destes países para o outro. Claramente Josué nunca havia checado um *Skyscanner*, ou outro aplicativo de voos qualquer, com voos diretos de Santiago do Chile até Sydney em 14h20.

A segunda – e melhor – parte era que a viagem não podia sair do Chile pelo sul da Terra, pois bateria na parede de gelo que cerca o planeta.

Atônito, o sobrinho apenas ignorou a informação sobre a parede de gelo e disse não saber sobre tempos de voo, afinal, não era piloto. Tentou voltar ao assunto anterior, mas era tarde demais. O espírito da confiança já havia retornado em um voo direto da Austrália à cabeça de Josué em

menos de 10 minutos.

A partir desse ponto, Josué passou apenas a falar sobre voos, como se tivesse acabado de achar a confirmação de que estava certo esse tempo todo. Afinal, o que seu sobrinho sabia mesmo? Passava tanto tempo estudando meteorologia na faculdade e não sabia nem a duração de um voozinho? Inacreditável.

Ficou feliz pelo resto do dia. Tão feliz que na volta da casa da mãe para a sua, se olhasse para o horizonte com confiança suficiente, poderia jurar que estava vendo a parede de gelo no horizonte.





EU LHE APRESENTO SUA FAMÍLIA

Edson era um homem ocupado. Um homem de negócios. Tinha aberto uma companhia em Maceió; uma em Caruaru; uma em Recife; uma em Salvador; e uma em Aracaju. Agora sentia que estava na hora de expandir para Vitória da Conquista, no interior da Bahia. Ia à cidade frequentemente. Na verdade, passava mais tempo em Vitória do que em casa. Três semanas lá, uma aqui. Afinal, os negócios são duros.

Sua esposa, Suzana, já estava acostumada. Não era sempre que se achava um homem trabalhador.

As coisas iam bem financeiramente. A pedido do marido, Suzana cuidava da casa e dos filhos, um rapaz de 18 e uma garota de 13. Mas se engana quem pensa que só Edson trabalhava duro. Cuidar de casa dá trabalho e com dois filhos então...

Quando arrumava um tempo para descansar, ela enfiava a cara em um celular. Ficava rolando o feed do Facebook. Era adepta do espírito da

confiança, mas isso não é importante. Na ocasião, ela assistia aos cultos que lhe apareciam, evangélica fervorosa que era.

Passou de pregação em pregação, até que uma em particular lhe causou um certo estranhamento. Não era um culto, embora parecesse um pouco. Nem era uma missa, mas havia imagens de Jesus. Suzana só viria saber depois que se tratava de uma live da médium Kátia, que incorporava a Irmã Adriana do mundo dos mortos – ou fosse lá onde estivesse – para realizar cirurgias espirituais nos fiéis.

O que é uma cirurgia espiritual, no entanto, não é importante, pois não havia nenhuma sendo realizada naquele dia. O que acontecia era uma celebração. O aniversário da médium Kátia. Um bônus duplo, pois enquanto ela festejava, Irmã Adriana tirava uma folga merecida. Afinal, era ainda mais trabalhadora do que Suzana e Edson juntos. A mulher trabalhava até depois de morta. E sem salário. Quando a sociedade vai abrir os olhos para os direitos trabalhistas dos espíritos? Mas isso não é importante no momento.

As pessoas no salão fizeram uma roda de oração para abençoar Kátia.

Suzana assistia a tudo sem piscar.

Deram à médium os parabéns, até que um homem com o microfone disse:

“E agora, uma homenagem da família à Irmã Kátia.”

De uma porta nos fundos saíram a mãe de Kátia, as duas filhas e um homem segurando a netinha dela em um braço e um buquê na mão livre.

Suzana pausou o vídeo no mesmo instante em que a câmera focou o homem.

“Wallace”, ela chamou o filho. “Wallace, vem cá!”

O garoto chegou e teve de encarar a imagem no celular.

“Esse aqui é o teu pai?”

“É”, confirmou após uma boa examinada.

“Era isso. Pode voltar para o quarto.”

Então Suzana começou a ligar para a família inteira, achando que havia sido tola em pensar que se casara com um homem de negócios, quando, na verdade, era só mais um caso de homem de família que tinha outra. Ou outras. Ninguém sabe se Irmã Adriana também participava.





AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a todos os que compartilharam suas histórias e ao meu orientador, Ruy Matos e Ferreira, por separarem um pouco de seu tempo para me ajudar na criação desse livro.

Ao meu pai e minha mãe, pela paciência nos momentos em que eu não sabia o que escolher da vida, pelo amor, pelas piadas ruins e pelo apoio durante tantos anos.

À minha esposa, por separar um tempinho para ler tudo o que eu fazia e dar sua opinião, por ajudar na revisão, pelo suporte, não somente nesse trabalho, mas na vida, por me aturar – sei que é uma tarefa difícil –, por acreditar em mim até mesmo quando nem eu mesmo consigo e, como ela mesma me disse, por ser “minha musa inspiradora, obra mais perfeita que já pisou nessa Terra, A MELHOR”. Te amo.

Ao meu cunhado, pela diagramação e pela capa desse livro, pelas

tardes jogando ao invés de trabalhar, ou, no meu caso, terminar o TCC. Eu precisava de um tempo para esquecer da ansiedade. Não sei se meu irmão já lhe agradeceu por entrar na vida dele, mas pode deixar que eu agradeço por ele. E por falar nele, queria agradecer ao meu irmão pela melhor amizade do mundo e todo o resto. São tantas coisas que eu precisaria fazer um livro só para isso. Sem ele, eu estaria boiando em algum lugar do oceano, próximo à Barra de Santo Antônio. Literalmente. Também amo vocês.

Em algum momento deste livro eu disse que “alguns têm sorte de poder contar com a família de sangue, outros têm a sorte de poder contar com a família que encontra mundo afora. Poucos têm a sorte de poder contar com os dois”. Fico imensamente grato por ser um desses poucos.





UFAL

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES(ICHCA)**

CURSO DE JORNALISMO

**RELATÓRIO TÉCNICO DE TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO**

EM FAMÍLIA, MAS NEM TANTO

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Ruy Matos e Ferreira

ALUNO:

Pedro Augusto Santos Vasconcelos

**MACEIÓ - AL
2023**

PEDRO AUGUSTO SANTOS VASCONCELOS

EM FAMÍLIA, MAS NEM TANTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Humanas, Ciências e Artes da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ruy Matos e Ferreira

MACEIÓ - AL
2023

PEDRO AUGUSTO SANTOS VASCONCELOS

EM FAMÍLIA, MAS NEM TANTO - ELABORAÇÃO DE UM LIVRO DE CRÔNICAS

Relatório Técnico submetido ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ruy Matos e Ferreira

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Ruy Matos e Ferreira
(Universidade Federal de Alagoas (UFAL))

Examinadora:
(Universidade Federal de Alagoas (UFAL))

Examinadora:
(Universidade Federal de Alagoas (UFAL))

Examinadora:
(Universidade Federal de Alagoas (UFAL))

AGRADECIMENTO

Primeiramente, a todos os que compartilharam suas histórias e ao meu orientador, Ruy Matos e Ferreira, por separarem um pouco de seu tempo para me ajudar na criação desse e-book.

Ao meu pai e minha mãe, pela paciência nos momentos em que eu não sabia o que escolher da vida, pelo amor, pelas piadas ruins e pelo apoio durante tantos anos.

À minha esposa, por separar um tempinho para ler tudo o que eu fazia e dar sua opinião, por ajudar na revisão, pelo suporte, não somente nesse trabalho, mas na vida, por me aturar – sei que é uma tarefa difícil –, por acreditar em mim até mesmo quando nem eu mesmo consigo e, como ela mesma me disse, por ser “minha musa inspiradora, obra mais perfeita que já pisou nessa Terra, A MELHOR”. Te amo.

Ao meu cunhado, pela diagramação e pela capa desse livro, pelas tardes jogando ao invés de trabalhar, ou, no meu caso, terminar o TCC. Eu precisava de um tempo para esquecer da ansiedade. Não sei se meu irmão já lhe agradeceu por entrar na vida dele, mas pode deixar que eu agradeço por ele. E por falar nele, queria agradecer ao meu irmão pela melhor amizade do mundo e todo o resto. São tantas coisas que eu precisaria fazer um livro só para isso. Sem ele, eu estaria boiando em algum lugar do oceano, próximo à Barra de Santo Antônio. Literalmente. Também amo vocês.

Em algum momento do ebook eu disse que “alguns têm sorte de poder contar com a família de sangue, outros têm a sorte de poder contar com a família que encontra mundo afora. Poucos têm a sorte de poder contar com os dois”. Fico imensamente grato por ser um desses poucos.

“Na crônica, as palavras dançam ao som da vida cotidiana, revelando as sutilezas da alma humana e tecendo a teia colorida da diversidade cultural brasileira. A crônica é o rosto humano da notícia”

(Alberto Saceldo Ramos)

RESUMO

Este relatório é o resultado da criação de um e-book de crônicas intitulado "Em família, mas nem tanto" com o objetivo de produzir um e-book com 12 crônicas jornalísticas com histórias inusitadas sobre relações familiares, explorando suas diversas formas e características. Para embasar teoricamente o projeto, foram utilizadas obras que abordam o fazer jornalístico e o universo da crônica, como as de Cossari (2004), Siebert (2014) e Santos (2007). Os estudos realizados também nortearam a metodologia utilizada para a elaboração do produto, que compreendeu as etapas de planejamento, realização de entrevistas, redação, projeto gráfico, diagramação e revisão do e-book. A temática escolhida para a antologia foram as relações familiares, por representarem algo singular no cotidiano das famílias. O autor, através de frequentes reuniões com parentes e familiares de amigos próximos, teve a oportunidade de ouvir histórias inusitadas contadas por avós, tios e tias, abordando temas como trabalho, doenças, viagens compartilhadas e situações peculiares. O resultado do trabalho foi um e-book composto por doze crônicas jornalísticas que retratam as experiências vividas pelas famílias brasileiras.

Palavras-chave: Relações familiares; Histórias; Reuniões; Jornalismo, Crônica, E-book.

ABSTRACT

This report is the result of the creation of an e-book of chronicles entitled "In the family, but not so much" with the aim of presenting unusual stories experienced in the Brazilian family, exploring its various forms and characteristics through an e-book. To theoretically support the project, works that address journalistic work and the universe of chronicles were used, such as those by Cossari (2004), Siebert (2014) e Santos (2007). The studies carried out also guided the methodology used to develop the product, which included the stages of planning, conducting interviews, writing, graphic design, layout and review of the e-book. The theme chosen for the anthology was family relationships, as they represent something unique in the daily lives of families. The author, through frequent meetings with relatives and relatives of close friends, had the opportunity to hear unusual stories told by grandparents, uncles and aunts, addressing topics such as work, illness, shared trips and peculiar situations. The result of the work is an e-book composed of twelve journalistic chronicles that portray the experiences lived by Brazilian families.

Keywords: Family relationships; Stories; Meetings; Journalism; Chronicle; E-book.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO.....	21
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	25
4. CONSIDERAÇÕES	Erro! Indicador não definido.
5. REFERENCIAS	27

INTRODUÇÃO

O e-book de crônicas intitulado "Em Família, mas nem tanto" é resultado de um projeto elaborado como trabalho de conclusão de curso (TCC) da graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas. A escolha pela modalidade crônica foi motivada por sua hibridez e potencial criativo e reflexivo.

O projeto do e-book teve como objetivo produzir 12 crônicas jornalísticas com histórias inusitadas sobre relações familiares, explorando suas diversas formas e características. Isso implicou em aprimorar os conhecimentos sobre o gênero crônica a partir do estudo das referências bibliográficas; pesquisar personagens que se enquadrassem no perfil abordado nas crônicas; aprofundar saberes sobre família e experiências a partir da vivência das personagens; para então produzir crônicas a partir dos relatos e pesquisas sobre os temas representados por cada família pesquisada.

Para confecção das crônicas, primeiramente, foi realizada uma pesquisa para encontrar possíveis personagens que se enquadrassem no perfil e que possuíam histórias que poderiam ser relatadas no livro. Tendo em vista de que nem todas as histórias ouvidas estariam dentro dos critérios para serem utilizadas nesta antologia, foram entrevistados o maior número possível de personagens.

Uma vez que o foco das crônicas é representar os momentos únicos do cotidiano das relações familiares e fazer com que os leitores se identifiquem de alguma forma com o texto, pessoas do círculo social do autor não foram descartadas, sendo questionadas sobre histórias que aconteceram nas famílias, além de expandir para uma pesquisa nas redes sociais, a fim de receber o maior número de relatos. A metodologia do trabalho foi direcionada para a pesquisa bibliográfica e documental seguindo os seguintes passos:

O primeiro passo foi a busca das famílias cujas histórias seriam contadas. Após encontradas as personagens, foi realizado um roteiro prévio de perguntas que perpassou por dados pessoais básicos e de contexto geral sobre a vida dos entrevistados, antes de partir para as histórias inusitadas. Com tais informações em mãos, pôde-se dar início às entrevistas, conduzida de forma que o entrevistado fosse direcionado às histórias inusitadas, mas que ficasse à vontade para fugir do assunto se

assim quisesse, pois poderia acabar dando mais informações sobre o contexto em que vivia, ou falar qualquer dado que pudesse ser aproveitado nas crônicas. As entrevistas ocorreram presencialmente e via smartphone, por meio de redes sociais como o WhatsApp e Instagram, no qual foram recebidos em mensagens de textos e áudios.

Large (2009, 33), aponta que a entrevista “é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”.

Dessa forma, a partir dos dados obtidos, foi analisado e definido com melhor clareza quais histórias das personagens escolhidas iriam ser retratadas e quais aspectos seriam destacados nas crônicas.

No entanto, é importante frisar que, por mais que o projeto se concentre em encontrar personagens específicas, seu propósito maior seria encontrar o elo entre as histórias dos entrevistados e entrevistadas com a atualidade, pois, como diz Monica Rector ao diferenciar o “conto” da “crônica”, no último caso, a personagem se torna obsoleta em comparação ao acontecimento:

“O conto geralmente tem personagem, na crônica a personagem perde a importância. É apenas um perfil, um relâmpago, um instante vital de um momento existencial. Talvez sua qualidade principal seja a intensidade, uma chama na escuridão, ou como diria Cortázar: “é um tremor de água dentro de um cristal”, “é a fugacidade na permanência”. (RECTOR, 2015, p. 146)

Para melhor compreensão do trabalho, foram contextualizados com embasamento teórico os dois temas nele abordados, que foram família e crônica. Quanto à família podemos compreender como a instituição de base na vida do indivíduo cujo papel na sociedade deve ser desempenhado adequadamente. O conceito de família foi, por um período, entendido e considerado como aceitável por uma grande parte da população a formação de um núcleo familiar com a presença de um pai, uma mãe e os filhos.

Quanto a essa questão Silva (2012) ressalta que:

Esse modelo de família está vinculado a uma determinada cultura

e coexiste com vários outros tipos de famílias. A história social da família exara que a instituição vincula-se a situações concretas de uma época, assumindo características distintas, em cada momento histórico. A problemática que envolve a família tem suas origens nas profundas transformações sociais, culturais, filosóficas, religiosas, políticas e econômicas. (SILVA, 2012, p.72)

A família é uma instituição que, imbuída em processos de transformações e evoluções vem buscando adaptar-se e subsistir as suas diversas formas e roupagens. A natureza das relações dentro de uma família perpassa por modificações ao longo da evolução histórica. Nogueira (2010) expõe:

Ao longo do tempo os núcleos tradicionais foram se modificando, mas nem por isso a família deixou de existir até os dias atuais. Vieram outras mudanças significativas: econômicas, políticas, culturais, tecnológicas, dentre outras que vem formando grupos familiares atualmente por uma sociedade em constante modificações. (Nogueira, 2010, p. 04).

As características decorrentes dessa evolução estão diretamente ligadas a vários fatores como: a posição econômica do contexto da criança, as relações intrafamiliares, o papel que a mulher ocupa na família, a posição das crianças como propriedades parentais, a definição dos papéis femininos e masculinos, o contexto histórico, entre outros.

De acordo com Dessen (2010) as abordagens contemporâneas no estudo da família têm definido seu objeto com base na premissa de que são diversos os tipos e as possibilidades de família nos tempos atuais. A família contemporânea surge a partir de uma série de transformações históricas e sociais, de acordo com cultura, classe social, ou seja, no meio em que ela está inserida.

Pode ser observado que mudanças na família não ocorrem somente pelo convívio familiar, mas também pelas influências de relacionamentos externos. E através desse convívio com pessoas diferentes as famílias são influenciadas e mudam seus comportamentos dentro do grupo familiar e fora dele.

De acordo com Carvalho (2015), independentemente das várias formas que se apresenta a família contemporânea, ela representa um caminho onde se inicia o

aprendizado dos afetos e das relações sociais. Entretanto, muitos dos novos modelos familiares enfrentam grandes preconceitos por parte da sociedade, como é o caso das famílias homoafetivas, apesar de já reconhecidas perante a justiça brasileira.

A família é o principal núcleo da sociedade e, portanto, não poderia estar alheia a pautas jornalísticas, seja sobre relações familiares, violência familiar, educação, dentre outras.

No jornalismo, um dos principais propósitos é fornecer informações e construir contextos que auxiliem as pessoas a compreender o mundo. Nesse sentido, a crônica se destaca como um gênero jornalístico que permite uma maior aproximação com o leitor, graças à sua linguagem coloquial e aparentemente trivial, mas que carrega consigo uma profunda capacidade de estimular reflexões. Através dela, é possível abordar não apenas fatos e notícias, mas também situações simples do cotidiano que nos convidam à contemplação.

A origem da palavra "crônica" está intimamente relacionada ao termo grego "chronos", que denota o conceito de tempo. Alguns dicionários também associam a crônica à ideia de temporalidade. De acordo com Moisés (2003), no início da era cristã, a palavra "crônica" era utilizada para designar a relação de acontecimentos dispostos e ordenados de acordo com a sequência cronológica. Inicialmente, o propósito desse gênero literário era o registro de eventos sem aprofundar-se nas causas ou interpretá-los.

Ferreira (2008) destaca que a crônica teve suas origens na imprensa inglesa e foi posteriormente adaptada à imprensa brasileira. Ela se tornou uma ferramenta valiosa para adicionar leveza aos textos jornalísticos, que muitas vezes são dominados por notícias sombrias. Através da crônica, o jornal oferece entretenimento e diversão, "buscando proporcionar um tratamento mais suave a determinados eventos da semana e do mês, com o objetivo de agradar a uma ampla gama de leitores" (FERREIRA, 2008, p. 365).

Até o início do século XIX, a crônica desempenhava predominantemente um papel histórico, destacando os eventos concretizados pelos colonizadores e conquistadores. Era, em essência, um relatório que reconstituía as conquistas para serem apresentadas à corte, como exemplificado na famosa carta de Pero Vaz de

Caminha ao Rei Dom Manuel, que é classificada como uma das primeiras crônicas do país, sendo amplamente reconhecida como o marco inaugural desse gênero literário em solo brasileiro.

No entanto, segundo Siebert (2014), a mudança semântica desse gênero começou a se evidenciar a partir de 1808, com a chegada da família real no Brasil e a permissão para a publicação de jornais em território brasileiro no mesmo ano. A partir desse momento, o narrador nativo, ou seja, o brasileiro, passou a assumir o papel de sujeito do discurso.

Percebe-se, portanto, que o elemento central nas primeiras crônicas era a narração de eventos históricos. No contexto brasileiro, de acordo com muitos estudiosos da literatura, incluindo Sá (1987), com o passar do tempo, como mencionado anteriormente, a crônica evoluiu e passou a ser empregada para narrar situações cotidianas, muitas vezes veiculadas nos jornais.

Moisés (2003, p. 247) simplifica essa evolução ao explicar que a crônica "oscila, assim, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e desprovido de cor de um acontecimento comum e a recriação do cotidiano por meio da imaginação".

Segundo Coutinho (1998), com o passar do tempo, esse significado evoluiu, e hoje a palavra "crônica" é empregada para descrever "breves produções em prosa, de natureza desinibida e estilo coloquial, nascidas da observação de eventos cotidianos ou semanais, expressas com uma abordagem artística". A linguagem utilizada nesse gênero geralmente se assemelha à fala cotidiana, uma vez que a crônica está profundamente conectada à vida diária e, portanto, deve empregar uma linguagem coloquial. Isso resulta em uma expressividade dramática que reflete a realidade da vida cotidiana.

A crônica, portanto, emerge como um esforço para desenvolver uma literatura nacional no século XIX, tornando-se uma presença marcante nos primeiros folhetins publicados nos jornais da época, servindo como um registro do dia a dia. Nesse período, muitos cronistas ganharam destaque, mas dois nomes principais se destacam como ícones da crônica no Brasil: João do Rio e Machado de Assis (SOUZA, 2009). Cada um deles exerceu sua influência na imprensa da época, contribuindo para a variedade de estilos e enfoques presentes nesse gênero.

Conforme Souza (2009) com a abertura para a publicação de jornais, a crônica ganhou espaço como um veículo de expressão mais amplo e diversificado. Os cronistas brasileiros, antes limitados a um papel secundário e submisso, puderam finalmente contar suas próprias histórias, trazendo à tona suas perspectivas, experiências e reflexões sobre a realidade em que viviam.

Essa transformação proporcionou uma nova riqueza à crônica, permitindo que os cronistas expressassem suas individualidades e conectassem-se diretamente com o público leitor. Gradualmente, esse gênero literário evoluiu para uma forma de expressão pessoal e intimista, na qual os acontecimentos cotidianos e as questões sociais adquiriram um papel de destaque. (SIEBERT 2014)

Com a ampla disseminação da imprensa, o termo "crônica" ganhou grande destaque, passando rapidamente a ser uma "narrativa histórica" presente nos jornais impressos, ocupando espaços de folhetins. Foi dessa maneira que, conforme apontado por José Marques de Melo, a crônica chegou ao Brasil: "É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas)." (MELO, 2005, p.113-114).

Quando a Imprensa Nacional entrou em funcionamento e começou a circular, possibilitou a criação de jornais brasileiros que traziam aos leitores as novidades do país. Nos espaços reservados ao entretenimento dos folhetins, jornalistas, literatos e novos escritores expressavam suas opiniões e abordavam as mudanças ocorridas em todos os estratos sociais.

A crônica, nesse período, adquiriu uma nova forma de expressão em textos que exploravam os hábitos e costumes dos brasileiros, daí a denominação "crônica à brasileira". José de Alencar é considerado o responsável por popularizar esse gênero nas páginas dos jornais. Segundo Santos afirma, "foi a partir de 1854, quando José de Alencar publicou o primeiro folhetim da série 'Ao correr da pena', no Correio Mercantil, que o gênero começou a assumir sua forma atual" (SANTOS, 2007, p.16).

Ferreira (2008) prefere definir a crônica como um gênero textual que escapa às classificações rígidas devido à sua natureza imprevisível tanto em termos de conteúdo quanto de discurso. Esta característica é amplamente reconhecida até mesmo pelos

cronistas mais renomados, que muitas vezes abdicam de tentativas de categorização. No entanto, na literatura, encontramos aqueles que se esforçaram para conceituar esse gênero tão fluido, frequentemente considerado como uma fronteira entre o meio literário e o jornalístico.

Segundo Santos (2007), apesar de, no âmbito do jornalismo mundial, a crônica ainda estar associada à noção de relato cronológico, no Brasil, ela se diferencia, possuindo um sentido claro e inequívoco para os brasileiros: um texto breve, conectado à atualidade e publicado em jornais ou revistas, com um enfoque literário que retrata o cotidiano, os valores culturais e a alma do país.

Conforme o mesmo autor, sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos afirmarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, sem equivalente na produção jornalística de outros países.

Ao longo do tempo, a crônica brasileira tem evoluído e se adaptado às transformações sociais e tecnológicas. Mantendo-se como uma expressão literária rica e versátil, ela continua a cativar leitores de diversas gerações, oferecendo uma visão singular dos aspectos cotidianos, questões sociais e momentos marcantes do país (SANTOS, 2007).

A capacidade da crônica de refletir a alma do povo brasileiro e retratar a sua diversidade cultural tem contribuído para que ela ocupe um lugar especial no panorama jornalístico e literário do Brasil. Sua importância como forma de expressão artística e reflexão sobre a sociedade contemporânea é inegável, e sua trajetória de relevância perdura através dos tempos (CHAPOLA; ROSSI, 2014).

Conforme Souza (2009) João do Rio, o pseudônimo de Paulo Barreto, é reconhecido por Jorge de Sá como a figura responsável por dar à crônica sua roupagem literária distintiva, que perdura até os dias de hoje. Suas contribuições na imprensa eram multifacetadas, apresentando pequenos contos, ensaios concisos, poemas em prosa e outros gêneros que informavam sobre os acontecimentos do dia ou da semana, mas sem a rigidez jornalística característica de outras seções do jornal. Além disso, suas crônicas não carregavam o mesmo rigor crítico e conteúdo político que as obras de Machado de Assis.

Machado de Assis também desempenhou um papel de grande relevância na

imprensa nacional, ao longo de toda a sua carreira literária. Suas crônicas se destacaram ao oferecer comentários muitas vezes irônicos e divertidos sobre as principais notícias políticas e econômicas da semana (SOUZA, 2009).

Outros renomados cronistas que merecem destaque incluem nomes como Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Nelson Rodrigues e Luís Fernando Veríssimo, entre muitos outros.

Diante dos aspectos discutidos, torna-se evidente que a crônica é um gênero que transita habilmente entre o âmbito literário e o jornalístico. Coutinho (1988) enfatiza a natureza literária intrínseca à crônica, destacando que, para além de sua identidade de gênero, ela tem evoluído de forma a se tornar uma expressão literária em si mesma. Ele também salienta que a crônica é singular em nossa literatura, não encontrando paralelo na literatura portuguesa. Independentemente do meio de publicação, a crônica é, em sua essência, literatura, pois nela se manifesta a maestria da palavra:

Enquanto o jornalismo coloca o fato como seu objetivo e finalidade principal, na crônica, o fato assume valor principalmente como meio ou pretexto. É a partir desse ponto que o cronista, com sua maestria, habilidades, graça e inventividade, extrai o máximo potencial, enriquecendo o texto com seu estilo único. A crônica, em sua essência, é uma forma de arte, uma manifestação artística da palavra, intrinsecamente conectada a um forte lirismo (COUTINHO, 1988, p. 305).

Cândido (1992) argumenta que a crônica aborda questões do cotidiano de maneira leve, e esta característica é, precisamente, uma das grandes virtudes desse gênero. Além disso, a crônica, originalmente, possui uma natureza transitória, diferentemente dos livros, pois é concebida para surgir e desaparecer no mesmo dia, após a sua leitura.

Ele observa que a crônica não foi originalmente criada para o meio do livro, mas sim para essa publicação efêmera que é adquirida em um dia e, no dia seguinte, pode ser utilizada para embrulhar um par de sapatos ou ferrar o chão da cozinha. Devido a essa associação com um veículo de vida curta, o seu propósito não é o dos escritores que aspiram à 'permanência', ou seja, que desejam ser lembrados e admirados pelas gerações futuras.

A perspectiva da crônica não é a de alguém que escreve do topo da montanha, mas a de um observador do cotidiano comum, do rés-do-chão. É por isso que, quase sem esforço, a crônica consegue estabelecer uma relação íntima entre a literatura e a vida de cada indivíduo. E quando ela faz a transição do jornal para o livro, percebemos, com certo espanto, que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria imaginava (CÂNDIDO, 1992).

A própria conexão intrínseca da crônica com o universo jornalístico confere a esse gênero algumas peculiaridades diretamente relacionadas às condições de sua produção. Essa natureza jornalística da crônica a molda como um tipo de texto reconhecido pelo seu estilo leve, descompromissado, ágil e simples. Isso se deve, em parte, à efemeridade do jornal, que exige que a crônica seja, ao mesmo tempo, criativa e artística.

Sá (1987) lança luz sobre esse contexto de produção ao descrever o perfil estilístico característico: "A crônica nasce com a leitura do jornal, mas muitas vezes morre antes mesmo de terminar o dia, quando o leitor utiliza as páginas do jornal para embrulhar algo ou recorta os trechos que mais lhe interessam para guardar em seu arquivo pessoal".

O jornal, como meio de comunicação, renasce, envelhece e cessa sua existência a cada 24 horas. Nesse cenário, a crônica assume essa mesma transitoriedade, direcionando-se inicialmente aos leitores que têm pressa, que a consomem nos breves intervalos de suas agitadas rotinas diárias, durante o transporte ou nos raros momentos de folga que a televisão lhes concede.

A própria elaboração da crônica é permeada por essa urgência: o cronista tem pouco tempo para preparar seu texto, muitas vezes o criando na atmosfera agitada de uma redação, mesmo quando trabalha no conforto e no silêncio de sua casa, ele está sujeito à correria que envolve a produção jornalística. "À pressa de escrever, soma-se a pressa de viver. Os eventos acontecem em ritmo vertiginoso, e o cronista precisa adotar um estilo ágil para conseguir acompanhá-los" (SÁ, 1987, p. 10-11). Por isso, a sintaxe de suas crônicas frequentemente lembra uma conversa informal entre amigos, mais do que um texto formalmente estruturado.

No entanto, quais são, afinal, as características que definem a crônica? Diante de sua rica história e das diversas conceituações atribuídas a esse gênero tão versátil, quais são as características que podemos identificar como comuns às crônicas?

Ferreira (2008), em suas investigações, identifica nada menos que 23 classificações diferentes para as crônicas em termos de tipologia. Essas categorias englobam crônicas descritivas, narrativas, narrativo-descritivas, metalinguísticas, líricas, reflexivas, dissertativas, humorísticas, teatrais, mundanas, visuais, metafísicas, poemas em prosa, crônicas-comentários, crônicas-informações, filosóficas, esportivas, policiais, políticas, jornalísticas, crônicas-contos, crônicas-ensaios e crônicas-poemas. A autora expressa críticas em relação à proliferação dessas categorias, o que evidencia uma "falta de critérios tipológicos ou até mesmo a ausência deles" (FERREIRA, 2008, p. 362).

Entretanto, para os propósitos deste trabalho, consideramos importante destacar algumas características que são relevantes para a compreensão da crônica, tais como:

Crônica descritiva: Esta categoria concentra-se principalmente na caracterização de elementos no espaço. É caracterizada pelo uso dos cinco sentidos, uma adjetivação abundante e uma linguagem metafórica.

Crônica narrativa: Aqui, o foco principal recai sobre a construção de uma história que envolve personagens e ações (enredo) que se desenrolam ao longo do tempo.

Crônica lírica: Esta categoria apresenta uma linguagem poética e metafórica, com ênfase na expressão de emoções e sentimentos profundos.

Crônica reflexiva: Nessa modalidade, o autor tece reflexões filosóficas, analisando subjetivamente uma variedade de assuntos e situações.

Crônica humorística: Normalmente, aborda temas políticos ou certos costumes sociais de maneira crítica e bem-humorada.

Crônica comentário: Nesta categoria, ocorre a análise e o comentário sobre eventos atuais, muitas vezes reunindo uma variedade de elementos distintos e fornecendo uma visão perspicaz e crítica dos acontecimentos. Essas são algumas das classificações que contribuem para a diversidade e riqueza desse gênero, conforme apresentado na conceituação de Ferreira (2008, p. 362-363)

Com base nessa concepção de que tudo na vida é passível de reflexão, inclusive as experiências mais singelas, o projeto do e-book se desenvolveu. A crônica se tornou o gênero norteador, permitindo uma nova abordagem para narrar os fatos cotidianos. A proposta central foi trazer as histórias inusitadas de famílias brasileiras, selecionando personagens que raramente figurariam em notícias ou grandes reportagens, mas que mereciam ser colocados no centro da narrativa. Essas famílias, por meio de suas histórias, refletem culturas e transformações na sociedade brasileira.

O propósito das crônicas é ampliar o olhar sobre os múltiplos significados do que é comum. O termo "comum" é entendido tanto como simples, corriqueiro, frequente e habitual, como aquilo que é compartilhado por todos. A premissa é que na simplicidade das coisas e no dia a dia é que a vida acontece e nos iguala, tornando-nos a todos protagonistas. As vivências e histórias das famílias fazem o mundo girar, mesmo que não recebam holofotes nos grandes jornais. Cada história apresentada nas crônicas revela situações inusitadas e, ao mesmo tempo, comuns às famílias brasileiras, nas quais os leitores se identificam com suas vivências, pois todas as famílias têm em comum o amor que une seus membros e suas lutas diárias. (FERREIRA, 2008)

Como foi explicado acima, existem vários tipos de crônicas. O trabalho teve a predominância da crônica narrativa, pela proximidade do autor com sua forma. Nesse estilo, geralmente encontramos um reduzido número de personagens, tempo e espaço, além da possibilidade de inserção de elementos humorísticos. Uma das suas características marcantes é a linguagem descomplicada, por vezes adotando uma abordagem coloquial, com o intuito de estabelecer uma conexão próxima com o leitor com explica Oliveira (2022, online)

Como a crônica narrativa é predominantemente caracterizada pela tipologia narrativa, sua estrutura compreende elementos essenciais da narração, como personagens, tempo e espaço. No entanto, devido à sua brevidade, a crônica narrativa não se aprofunda significativamente nesses elementos, pois espera-se que o leitor os identifique facilmente em seu próprio cotidiano. Portanto, na crônica, a simplicidade na composição dos componentes narrativos (personagens, tempo e espaço) prevalece.

Dessa forma, Para criar uma crônica narrativa envolvente, é fundamental dedicar-se ao estudo do gênero, observar atentamente os detalhes do cotidiano, escolher a história mais adequada, elaborar uma estrutura coesa para o texto e, quando possível, surpreender o leitor com um elemento inesperado.

Nesse contexto, a simplicidade é o traço dominante na construção dos elementos essenciais da narração, a saber, personagens, tempo e espaço, na crônica. A estrutura da crônica narrativa, em seu aspecto fundamental.

Segundo Oliveira (2022) a crônica narrativa pode ser subdividida da seguinte maneira:

Apresentação: Esta etapa introduz o leitor à narrativa, fornecendo os elementos iniciais da história, apresentando os personagens envolvidos e estabelecendo o cenário temporal e espacial.

Enredo: Em seguida, temos o desenvolvimento da trama. Ao contrário de outros tipos de textos narrativos, a crônica narrativa geralmente carece de um conflito definido. Ela narra eventos cotidianos que podem ou não envolver tensões, deixando essa escolha a critério do autor. A história pode ser contada com a presença de um narrador ou ser composta apenas por diálogos entre as personagens (discurso direto).

Desfecho: Esta é a fase de encerramento da narrativa. Apesar do nome, o desfecho de uma crônica não necessariamente implica a resolução de um conflito, pois, como mencionado anteriormente, as crônicas narrativas podem carecer desse elemento. Portanto, o autor tem a liberdade de concluir o texto da forma que contribuir melhor para o que quer comunicar. O importante é que o final seja interessante para prender a atenção do leitor.

Assim, a crônica permanece como um tesouro literário brasileiro, uma janela para a compreensão de nossa história, valores e identidade, destacando-se como uma das formas mais autênticas e apreciadas de literatura no cenário jornalístico e cultural do país.

PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

A produção do trabalho foi iniciada em outubro de 2022 com as entrevistas e terminou em junho de 2023 com a confecção do e-book e as crônicas produzidas a partir das histórias colhidas nas entrevistas. Relações familiares foi a temática escolhida para a antologia por representar algo particular em meio ao cotidiano de todos, ou, da maioria da população. Devido o autor estar em constantes reuniões com seus parentes e com os parentes de amigos próximos, ouvia com frequência as histórias inusitadas contadas pelos avós, tios e tias sobre trabalho, doenças, viagens que fizeram juntos ou situações, de alguma forma peculiares, compartilhadas entre si.

Tais fatos trouxeram ao autor sentimentos de inquietação, curiosidade e questionamentos acerca de quantas mais narrativas únicas poderia conhecer e reunir em um livro de crônicas, trazendo com elas suas visões sobre cada história particular e ao mesmo tempo comum para algumas famílias.

Uma vez que o foco das crônicas é representar os momentos únicos do cotidiano das relações familiares, e fazer com que os leitores se identifiquem de alguma forma com o texto, pessoas do círculo social do autor não foram descartadas, sendo questionadas sobre histórias ocorridas dentro de suas famílias, além de expandir para uma pesquisa nas redes sociais, a fim de receber o maior número de relatos.

Após selecionadas as personagens que mais se encaixavam à proposta do trabalho, foi construído um roteiro de perguntas que iniciava com dados pessoais básicos e de contexto geral sobre a vida dos entrevistados, antes de partir para as histórias inusitadas. Colhidas as informações, pôde-se dar início às entrevistas, conduzidas de forma que o entrevistado fosse direcionado ao assunto principal, mas que ficasse à vontade para divagar, e assim contasse alguma informação que pudesse ser adicionada futuramente na construção das crônicas. As entrevistas foram presenciais e via smartphone, por meio de redes sociais como o WhatsApp e Instagram, no qual foram recebidos em mensagens de texto e áudios.

A partir dos dados obtidos, foi analisado e definido com melhor clareza quais histórias das personagens escolhidas iriam ser retratadas e quais aspectos destacar em suas crônicas. Para tanto, havia a necessidade de decidir os melhores meios para

encontrar as personagens e entrevistá-las de forma que elas não se sentissem constrangidas ou desconfortáveis ao terem suas vozes gravadas ou mesmo responder os questionamentos sem sentir-se de alguma maneira julgados pelo entrevistador ou futuros leitores.

Para alguns, havia certo receio de sua história ser considerada um tanto vexatórias, como solução para estes casos, o entrevistador usou de nomes fictícios para proteger os entrevistados. De acordo com o Código de Ética do Jornalista brasileiro, **art. 8º** “Sempre que considerar correto e necessário, o jornalista resguardará a origem e a identidade de suas fontes de informação.”.

Outro problema enfrentado foram os encontros para as entrevistas. Inicialmente, o autor tinha a ideia de realizar as entrevistas presencialmente com as personagens, para assim, manter a objetividade dos questionamentos e estar mais próximo em uma conversa. Porém, devido às agendas de trabalho, estudos, ou localidade de alguns entrevistados, foi preciso adaptar-se e fazer uso das redes sociais para a obtenção das informações. Na crônica “Feliz Aniversário”, por exemplo, a personagem principal não tinha disponibilidade de tempo para a entrevista, fosse ela pessoalmente, por ligação ou por redes sociais, permitindo assim, que seu irmão o fizesse em seu lugar e que o autor seguisse as informações dadas por ele.

Esta prática, mesmo que, de modo geral, eficiente, não permite ao autor captar expressões faciais que possam auxiliar com mais profundidade os sentimentos descritos em áudios ou mensagens de textos.

Além disso, nesses casos de entrevista via redes sociais, por não se tratar de uma conversa orgânica, onde o entrevistador pudesse guiar melhor o entrevistado para não perder o foco e conseguir maiores detalhes durante o relato, havia a espera para que o entrevistado enviasse sua história, para que o entrevistador analisasse e percebesse a necessidade de novos questionamentos e, mais uma vez, a espera por outra resposta. Tornando assim, um pouco mais demorada a obtenção de informações suficientes para o início da narrativa.

Todavia, todos os problemas de pesquisa foram superados da melhor forma que cabia ao autor para desenvolver um e-book com 12 crônicas sobre as histórias peculiares em família em seus cotidianos, de forma que os leitores possam se

identificar, entreter ou refletir.

Para a produção das crônicas, o autor se baseou nas obras dos cronistas Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Luis Fernando Rodrigues e Eneida Costa de Moraes, mais especificamente suas crônicas encontradas nos livros “O melhor de Nelson Rodrigues”, (2018), a coletânea “As cem melhores crônicas”, (2007) e a “Antologia de Crônicas”, (2010).

Estas obras serviram como motivação para a escolha do gênero jornalístico, sendo inspirações para as crônicas presentes neste e-book. Sabemos que o desenvolvimento histórico do gênero permitiu tanto o entendimento, como também a aplicação de fatores como crítica, opinião e sátira, estas, principais características da crônica, além das normas jornalísticas assimiladas durante os anos de graduação do curso.

Ao todo, foram escritas 12 (doze) crônicas. A apresentação foi produzida a partir da ideia principal do autor e sua motivação para ter escolhido relações familiares como tema central deste projeto.

“Papai e mamãe” e “Feliz aniversário” têm em comum o fato de terem acontecido em famílias grandes e com crianças como protagonistas. Sendo a primeira, ocorrido recentemente, em um sítio. E o segundo, ocorrido em meados dos anos 70. Para a produção destas crônicas, foi utilizada entrevista presencial com um dos moradores do sítio. Já para a segunda, o relato veio através de uma entrevista escrita via WhatsApp.

“Algumas histórias”, diferentemente dos outros textos, não foi desenvolvida através da entrevista com a personagem envolvida nessa história, mas através da observação crítica de um casal externo à situação, em um dia comum, próximo ao Dia das Crianças em uma padaria da cidade.

A crônica “Devolução” relata o momento de angústia vivido pela mãe de Letícia (nome fictício escolhido para representar a entrevistada), quando toda sua família é diagnosticada com COVID-19, incluindo sua neta de apenas 2 meses de idade. Para a confecção desta, fora realizada uma pesquisa documental para a coleta de dados, em nível regional. Para isso, foram consultados boletins epidemiológicos disponibilizados em portais de notícias como o G1.

A crônica “Meu Deus, as crianças!”, traz a problemática encontrada em muitas famílias, na qual é terceirizada a culpa para comportamentos violentos ou que não são aceitos pela família tradicional conservadora. Aqui foi utilizada ainda a citação do atual presidente do Brasil, Luíz Inácio, Lula, no qual ele diz “Não tem game falando de amor. Não tem game falando de educação. É game ensinando a molecada a matar”. Portanto, foi necessária uma pesquisa documental feita em portais de notícias disponibilizados em sites como o GE, pertencente ao G1. Ademais, não foi necessária uma entrevista para a confecção desta crônica, pois ela ocorreu com o autor, sendo assim uma externalização de suas opiniões e questionamentos.

As demais crônicas seguiram o padrão de obtenção das informações através de entrevistas via redes sociais ou presenciais. Além disso, a escolha do formato das crônicas seguiu o tipo de crônica narrativa e argumentativa. Vale ressaltar, que as histórias relatadas aconteceram com moradores do estado de Alagoas e a maioria delas ocorreu no município de Maceió capital do Estado.

Para a produção do material, a diagramação e as ilustrações do livro foram feitas pelo designer gráfico Davi Menezes, pelo custo de R\$ 350,00. O processo de confecção da capa do e-book começou por um pequeno *briefing*, onde o autor do livro escolheu algumas palavras que ele achava ter conexão com o livro. As palavras foram: leve, sarcástico e simples. A princípio, a ideia era criar uma capa com a cor bege, para dar o tom de simplicidade, e as fontes no título teriam um tom vermelho por conta do sarcasmo. Porém, a ordem foi trocada por preferência estética do autor, por uma capa que fosse mais vibrante e mais chamativa. O nome do autor foi colocado em uma fonte pequena, como acontece em livros com autores desconhecidos, para que o foco do leitor seja voltado ao título.

No título, a ideia foi dar destaque ao nome “Em família”. Já o “mais nem tanto” teve uma fonte diferente para dar a noção de ter sido rabiscado. O emaranhado no fundo da capa, que se repete em várias partes do livro, foi escolhido para representar confusão e complexidade, o que teria o intuito de remeter que família, apesar de ser um tema comum, têm suas peculiaridades.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escolha do título "Família, mas nem tanto" surgiu a partir dos momentos vivenciados por mim junto à minha família e relatos de conhecidos, onde foi possível observar um rico acervo de histórias dentro desse contexto, abrangendo desde experiências tristes até episódios engraçados. Mesmo sendo a família considerada a célula mais importante da sociedade, é notável a ausência de um espaço no âmbito jornalístico destinado a contar suas histórias.

Um dos aspectos mais gratificantes em todo esse processo foi constatar como a oportunidade de compartilhar a própria história pode ser profundamente impactante. Ao conduzir as entrevistas, foi possível ouvir das personagens expressões como "nunca imaginei que alguém se interessasse pelas histórias de minha família", "não sabia que essas histórias tivessem importância" e até mesmo "eu nunca havia contado essas histórias para ninguém".

Esses depoimentos revelam o quanto o projeto adquiriu significado para as pessoas entrevistadas, proporcionando-lhes uma experiência única e valiosa ao verem suas histórias valorizadas e reconhecidas. O processo de dar voz a essas narrativas familiares antes desconhecidas demonstrou a relevância de proporcionar um espaço dedicado à riqueza de experiências que se escondem no âmbito familiar.

Nesse sentido, o trabalho jornalístico não apenas preenche uma lacuna na cobertura midiática, mas também promove a importância de valorizar e preservar as histórias familiares, que muitas vezes são ricas fontes de sabedoria, reflexão e identidade. A partir dessa experiência enriquecedora, consegui compreender o poder e a importância do jornalismo em dar voz às histórias humanas, especialmente àquelas que por muito tempo ficaram à margem das narrativas tradicionais.

A comunicação social tem o papel crucial de criar ambientes que ampliem vozes e viabilizem encontros de identificação. Refletir sobre essas questões se tornou imperativo. É essencial que construamos espaços de troca, permitindo a comunicação de conhecimento e a partilha de experiências em diversos meios de comunicação e nas vastas possibilidades da internet, independentemente do alcance que possam ter.

Ao criarmos esses espaços, abrimos a oportunidade para que cada vida seja uma narrativa, uma trajetória com significado. Dessa forma, é possível dar voz aos diversos aspectos que compõem nossa sociedade. Além disso, tais espaços permitem reflexões conjuntas, possibilitando que temas importantes e relevantes sejam discutidos e compreendidos de forma mais profunda e humana.

A construção desses ambientes de escuta e compartilhamento é uma tarefa urgente e essencial para a comunicação social. Devemos priorizar a humanização das histórias e a valorização da diversidade de experiências que compõem o tecido social. Somente assim poderemos enriquecer o diálogo público, promovendo uma sociedade mais empática, inclusiva e informada.

Os gêneros do jornalismo opinativo e interpretativo oferecem um espaço valioso para a comunicação social, permitindo a amplificação de outras vozes. Acredito sinceramente que este trabalho tenha contribuído para essa abertura, além de promover a difusão do gênero crônica e divulgar uma vertente do jornalismo opinativo pouco explorada nos principais veículos e suportes jornalísticos do nosso estado.

REFERENCIAS

CÂNDIDO, Antonio. **A crônica**: O gênero e suas transformações no Brasil. São Paulo: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

CARVALHO, Maria do Carmo B. de. (Coord.). **Serviços de proteção familiar**. São Paulo: Ed. IEE/PUC–SP : CBIA, 2015. (Cadernos de ação, n. 5)

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1988.

COSSARI, Regina. **A crônica**: aproximações teóricas e análise de alguns aspectos da crônica brasileira contemporânea. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 4, n. 1, p. 5-18, 2004.

CHAPOLA, R; ROSSI, L. **Crônica – o jornalismo de short**. São Paulo: Patuá, 2014.

DESSEN, M. A., & BIASOLI-ALVES, Z. M. M. O estudo da família como base para a promoção da tolerância. In Z. M. M. Biasoli-Alves & R. Fischmann (Orgs.), **Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância** (pp. 183-193). São Paulo: Edusp. 2010

FERREIRA, Eduardo Paz. **Crônicas de anos de chumbo**. Almeida Edições 70, Coimbra-Portugal. 2008

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2009

MELO, José Marque de. A crônica. In: **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003

NOGUEIRA, Mariana Brasili. **A família**: Conceito e evolução histórica e sua importância. 2010. Acessado em Disponível www.pesquisedireito.com/artigos/civil/a-familia-conc-evolucao. Acesso: set/2023

OLIVEIRA, Rafael Camargo. Crônica narrativa. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/2022/cronica-narrativa>. Acesso: set/2023

RECTOR, Mônica. **O conto na literatura brasileira: teoria e prática.** Paco Editorial; São Paulo, 2015

SÁ, Jorge de. **A crônica.Ática, São Paulo, 1997**

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (org). **As cem melhores crônicas brasileiras.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SIEBERT, Silvânia. **A crônica Brasileira Tecida pela História.** Liguagem em discurso. Unisul. 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ld/v14n3/1518-7632-ld-14-03-00675.pdf>. Acesso em: jun/2023.

SILVA, Ana Maria Milano. **A Lei da Guarda Compartilhada.**3. Ed. São Paulo. J. H. Mizuno, 2012.

